

## **4. Melchiades: o menino que virou soldado**

### **4.1. O exército em cena**

Bello Monte, a aldeia de Antônio Conselheiro, enfrentava a terceira investida do exército, o número de soldados aumentava a cada expedição militar. Simpatizantes do Conselheiro e homens do próprio arraial buscavam reforços junto aos moradores das regiões próximas na tentativa de aumentar também o efetivo de conselheiristas na defesa da cidadela. Foi assim, que a família de Melchiades acabou por mudar-se para Canudos. Emissários de Conselheiro visitavam a casa dos Monte desde a primeira expedição e pediam que se juntassem a eles na defesa do Conselheiro e seu arraial.

No tempo em que o menino Melchiades chegou a Canudos com sua família, o Brasil mudara muito e, nele, mudara também o exército, que por certo seria o principal protagonista nas mudanças sofridas pelo regime político do país, na mudança radical – a dizimação - vivida na Aldeia Sagrada de Canudos, e mais tarde, nas inesperadas mudanças na biografia daquele menino levado para o meio da guerra.

No Brasil, desde os tempos do Império, assim como em alguns países da Europa, já existia uma tendência de flexibilização dos critérios para o ingresso na carreira militar no exército. Os tempos em que a oficialidade era necessariamente parte da nobreza, herança dos exércitos europeus, havia ficado para trás. O exército passou a incorporar em suas fileiras cada vez mais homens que não faziam parte da chamada “boa sociedade” do país. A reforma da lei de promoções de 1850, feita pelo ministro da guerra, Manuel Felizardo de Sousa e Melo, modificou o sistema de promoções impediu aquelas definidas por motivações políticas e estabeleceu certos critérios para a ascensão dos oficiais. Os critérios passam a estar vinculados cada vez mais ao merecimento, à conclusão do curso superior, e não à origem ou às relações pessoais. É, neste sentido, um movimento de democratização que vai modificar ao longo do tempo o perfil e a composição da oficialidade brasileira. Como resultado destas mudanças, já nos últimos anos

do Império Brasileiro, cerca da metade dos oficiais-generais tinha origem humilde e haviam ascendido na carreira por esforço próprio e não por política de influências ou troca de favores.<sup>129</sup> O mesmo movimento já não se pode observar no interior da Marinha que requeria para o ingresso do novo candidato um enxoval inacessível para boa parte das famílias brasileiras.

Assim, a Escola Militar se converteu em uma das poucas possibilidades de ascensão social para aqueles jovens que queriam continuar os estudos, mas as famílias não tinham como arcar com os custos de uma faculdade para que o filho se tornasse um bacharel. Esta será uma via utilizada por vários militares brasileiros, como alguns dos personagens principais da Proclamação da República no país: Benjamim Constant e o Próprio Marechal Deodoro da Fonseca, ambos oriundos de famílias sem recursos. Será assim ainda, com o próprio escritor Euclides da Cunha que foi aluno de Benjamim Constant na Escola Militar da Praia Vermelha.

Com a reforma de 1850, que concedeu benefícios àqueles militares com nível superior, acirrou uma clivagem entre dois grupos que se formam entre a oficialidade do exército: de um lado os *tarimbeiros*, termo depreciativo que deriva de *tarimba*, estrado de madeira onde dormiam os soldados nos quartéis e designava oficiais, quase sempre sem curso superior, e que em sua maioria haviam lutado na Guerra do Paraguai e, por outro lado, a jovem oficialidade composta por alunos das chamadas *armas científicas*, alunos ou ex-alunos de Benjamim Constant adeptos das novas correntes de pensamento que chegavam ao Brasil como o positivismo, o evolucionismo social de Spencer, o cientificismo e o evolucionismo<sup>130</sup>.

A proclamação da República, golpe militar levado a cabo por Deodoro em 15 de novembro de 1889 na Praça da Aclamação, nasceu do difícil e frágil equilíbrio político entre estes dois grupos, unidos pelo sentido de pertencimento à corporação, que se aliaram a republicanos das mais variadas e por vezes conflitantes vertentes, o que dificultou muito a definição de uma direção precisa para o novo regime.

---

<sup>129</sup> Cf. Celso CASTRO. *Os militares e a República . Um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

<sup>130</sup> . Idem. *Ibidem* p. 196.

Os jovens alunos da escola militar da Praia Vermelha vinham de diversas partes do Brasil, predominantemente do norte do país, eram em sua maioria de famílias sem recursos que viam no ingresso no exército uma forma de prosseguir seus estudos. Aqueles que se destacavam nos primeiros anos de curso eram promovidos a Alferes-aluno, e passavam a receber um soldo. Assim, os que chegavam a alferes-aluno não só ganhavam independência financeira, como alguns ainda ajudavam na renda familiar. A distância da família e outras características em comum aproximavam estes alunos que acabaram por criar na escola militar uma identidade de grupo e laços de proximidade. O espírito de corpo foi sempre citado pelos ex-alunos<sup>131</sup>. Segundo Celso Castro

O membro típico da mocidade militar era oriundo do norte, tinha menos de 30 anos ao ser proclamada a República e estudou na Escola Militar da Praia Vermelha no período posterior a 1874, quando a Escola foi reaberta após ter estado fechada durante a guerra do Paraguai<sup>132</sup>

A escola era um centro de estudos de ciências com grande ênfase no estudo da matemática, mais do que propriamente das práticas militares. Os alunos se referiam à escola como um *Tabernáculo da Ciência* e ali desenvolviam associações, círculos literários, grêmios, sociedades de estudantes, revistas e criavam assim um ambiente cultural e de circulação de idéias rico, heterogêneo e que assumia a função de vias de socialização e fortalecimento de identidades. Para grande parte desta juventude militar, a república representou a institucionalização daquilo que viviam, na prática, dentro dos muros da Escola da Praia Vermelha, ao representar, em escala maior, a possibilidade da ascensão social pelo mérito e pelo reconhecimento do esforço. Esta percepção aparece nas memórias de ex-alunos da Escola Militar de forma a não deixar espaço para qualquer tipo de dúvida:

O mérito era o mérito, nada tendo que ver com a cor nem com os haveres, nem com a importância da família do aluno. Era um meio onde imperava a justiça, visceralmente democrático, portanto com a sua aristocracia de virtude e do saber, quadro aberto a quantos fossem dotados de capacidade e de querer<sup>133</sup>.

---

<sup>131</sup> Idem. Ibidem p. 37.

<sup>132</sup> Idem. Ibidem p 31.

<sup>133</sup> Afonso MONTEIRO. *Reminiscências*. Rio de Janeiro: Instituto dos docentes militares. 1921. Apud Celso CASTRO. *Os militares e a República . Um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 48.

Neste sentido, é também eloquente o exemplo de um artigo de Euclides da Cunha de 1889 no qual o autor afirma que:

O governo republicano – digamo-lo sem temor – é naturalmente aristocrático – os pergaminhos dessa nobreza, porém, ascendem numa continuidade admirável, das oficinas às academias. É o governo de todos por alguns – mas estes são fornecidos por todos<sup>134</sup>.

Para os jovens alunos da Escola Militar, a república era uma forma de governo que repararia as injustiças, não só dentro do próprio exército, mas também na sociedade. Na política imperial prevalecia o elemento civil, e os jovens bacharéis de direito tinham muito mais prestígio, status social e acesso a oportunidades e cargos do que os jovens militares. Além disso, a mocidade militar ainda tinha que lidar com a falta de espaço dentro do próprio exército, onde eram vistos pelos oficiais *Tarimbeiros* como bacharéis fardados sem vivência em práticas e operações militares<sup>135</sup>.

Celso Castro afirma, com propriedade, que não se pode afirmar que os militares proclamaram a república, mas que a implantação do novo regime foi obra de um grupo muito específico de militares, a chamada *mocidade militar*, alunos e ex-alunos da Escola Militar da Praia Vermelha e de Benjamin Constant.

Deodoro evitou até o último instante proclamar a República. Toda a ideologia e agitação vieram dos jovens positivistas de Benjamin Constant. (...) a grande maioria dos militares reunidos de ambos os lados na Praça da Aclamação não sabia que se tratava de proclamar a República. (...) A grande maioria dos praças, por exemplo, esteve ausente da conspiração e do golpe contra a monarquia. (...) Da preparação do golpe estiveram ausentes os Generais, e havia muito poucos oficiais superiores. Finalmente, em sua maioria os oficiais inferiores e alunos militares vinham dos chamados corpos científicos do Exército (...) eram a mocidade militar. (...) É preciso desfazer a imagem de que a necessidade de transição para a República era consensual entre a maior parte dos oficiais do Exército<sup>136</sup>.

O momento da deposição do Gabinete não evidenciou, em um primeiro momento, o fim do regime monárquico, mas antes denunciou as ofensas sofridas pelo exército e a falta de reconhecimento daqueles que se haviam arriscado no campo de batalha. Há divergências sobre a interpretação deste momento, se

<sup>134</sup> Euclides da CUNHA. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. 2º volume. p. 551.

<sup>135</sup> CASTRO. Op. Cit p.56.

<sup>136</sup> Idem.Ibidem p 9.

Deodoro teria proclamado ou não a República ou se apenas havia deposto o Gabinete.

Evaristo de Moraes definiu o entusiasmo daqueles dias e a virada do século como *um porre ideológico*<sup>137</sup>. A década foi marcada pela circulação de novas correntes de pensamento que chegavam ao país, tais como o liberalismo, o positivismo, o socialismo, o anarquismo, entre outras. E como bem formulou Silvio Romero:

De pronto, como em um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se fez patente e a mediocridade do Império apareceu com toda a nitidez... Na política era todo um mundo que vacilava. Nas regiões do pensamento teórico, a luta empreendida era ainda mais formidável, porque era horrível o atraso. Um bando de idéias novas levantava vôo sobre nós de todos os pontos do horizonte<sup>138</sup>.

A mudança de forma de governo trouxe com ela, para alguns, a esperança de constituição de uma *res pública*, ou seja, da construção do conceito de *coisa pública* e de um regime que ampliasse a participação e construísse uma cidadania capaz de participar ativamente dos rumos políticos do país. Tanto é assim que, um mês depois de proclamada a República, um grupo de intelectuais da cidade do Rio de Janeiro enviou a Deodoro um *Manifesto* de apoio ao governo provisório, no qual faziam alusão a uma aliança entre a intelectualidade e o povo e festejavam que o país estivesse caminhando para o progresso<sup>139</sup>.

Nos cafés do centro da Capital Federal os ventos eram de mudança, mas a República não contou com a adesão da parcela pobre da população. A monarquia foi derrubada quando tinha conquistado o máximo de popularidade entre as pessoas mais humildes, fundamentalmente os negros, e a Princesa Isabel era festejada como *a Redentora* por causa da lei Áurea. Cerca de 50% da população da cidade do Rio de Janeiro era iletrada e poucos, portanto, reuniam as condições exigidas pela Constituição republicana para exercerem o mais elementar dos direitos de cidadania, o voto. O cronista João do Rio, que através de sua pena descreveu o dia-a-dia da população da cidade e deu vida às ruas do Rio de Janeiro,

<sup>137</sup> Apud José Murilo de CARVALHO. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p 24.

<sup>138</sup> Silvio ROMERO. “*Explicações indispensáveis*”. IN. Tobias BARRETO. *Vários escritos*. Aracajú: Editora do Estado de Sergipe, 1926. p. XXIII.

<sup>139</sup> Cf. CARVALHO. Op. Cit.

ao escrever sobre à Casa de Detenção<sup>140</sup> afirmou que, com raríssimas exceções, os presos eram majoritariamente monarquistas, e prostitutas, assassinos, capoeiras, gatunos, ou seja, pobres, negros e necessitados se declaravam partidários da monarquia. Para ele, o povo se identificava com o Império.

A Constituição de 1891, a primeira do novo regime, eliminou a exigência de renda para o eleitor, mas instaurou a da alfabetização, e não tinham participação política através do voto as mulheres e os analfabetos. O censo eleitoral de 1890 mostrou que, excluídos menores, mulheres, analfabetos, praças de pré e religiosos, 80% da população da Capital Federal estava excluída do direito ao voto<sup>141</sup>.

O primeiro ministério republicano já revelava as tensões e entendimentos distintos sobre o que seria a República e o governo republicano. O presidente, Marechal Deodoro da Fonseca, não era republicano por convicção, mas um monarquista e amigo do Imperador, ex-combatente da Guerra do Paraguai, e não tinha exatamente um projeto bem definido para a República. Assumira, no entanto, a frente do movimento que derrubou a república para defender os interesses do exército. Já Benjamim Constant, o novo ministro da Guerra, representava a mocidade militar da Praia Vermelha e era um positivista de longa data que acreditava na supremacia da ciência e, ironicamente, no fim dos exércitos. Suas convicções positivistas o levavam a apoiar uma ditadura ilustrada. Havia ainda divergências entre os civis que apoiaram o novo regime. Quintino Bocaiúva, o ministro de Negócios estrangeiros, era um republicano histórico, signatário do Manifesto Republicano de 1870; Rui Barbosa, ministro da Fazenda, e Aristides Lobo defendiam uma república presidencialista segundo o modelo norte-americano. A combinação heterogênea de forças que apoiaram o golpe de novembro de 1889 terminou por dar origem a um governo que necessitou administrar tensões internas e externas. Deodoro acabou por endurecer o governo que passou por trocas de ministros, motins, estabeleceu a censura à imprensa, dissolveu o Congresso, enfrentou greves. Deodoro veio a renunciar e Floriano Peixoto assumiu a presidência da República em novembro de 1891.

---

<sup>140</sup> Cf. APUD Antonio Edmilson Martins RODRIGUES. Op. Cit.

<sup>141</sup>CARVALHO. Op. Cit p 85.

O Marechal de Ferro, como ficou conhecido Floriano, enfrentou a Revolta da Armada, a Revolução Federalista e foi considerado por alguns como o verdadeiro consolidador da República Brasileira. Seu governo teve um perfil repressor, não apenas por enfrentar com firmeza as revoltas na capital e no Sul, mas porque os jogos de azar e as apostas foram reprimidos, e tentou-se, em seu governo, acabar com o entrudo.<sup>142</sup>

Não foi, porém o governo do Marechal de Ferro o que reprimiu a Canudos. A encarniçada repressão a Canudos veio do governo do primeiro presidente civil da República Brasileira, Prudente de Moraes, que assumiu o cargo quando as divergências dos anos iniciais da República levaram ao surgimento de um consenso entre a elite civil: *era preciso afastar os militares da política e retomar o controle do sistema político*<sup>143</sup>. O terceiro presidente do país foi o civil Prudente de Moraes. Foi em seu governo que estourou a Guerra de Canudos.

#### **4.2. Cinco fotografias e um não-retrato.**

Melchiades Rodrigues Montes, butim vivo de guerra nas mãos de soldados do exército, deixou escrita sua história e confiou ao filho, Eddy Nicolau Montes, a missão de guardar as 69 páginas<sup>144</sup> cuidadosamente datilografadas nas quais narra sua trajetória de vida com impressionante riqueza de detalhes. Tinha 82 anos de idade quando se dedicou a deixar escrita sua própria história. A narrativa é a herança deixada pelo ex-menino jagunço de Canudos, que se tornou ele mesmo, um militar de carreira. É um relato de conquistas, de superação, de salvação que *redime* o menino butim de guerra que ele um dia foi e ao mesmo tempo uma outra história de Canudos. As memórias fazem uma viagem circular onde o exército foi ao mesmo tempo a porta de saída e de entrada para Melchiades. A via de saída de Bello Monte e a via de entrada para o mundo dito civilizado. E sua via de ordenação foi a cavalaria do exército<sup>145</sup>.

<sup>142</sup> Idem. Ibidem p.28 .

<sup>143</sup> CASTRO. Op. Cit. p 199 .

<sup>144</sup> Melchiades Rodrigues MONTES. *Memórias* (mimeo),1971.

<sup>145</sup> As memórias não foram anexadas a esta tese porque o filho de Melchiades trabalha no momento em um projeto de elaboração de um livro sobre a vida do pai.

Melchiades tinha cerca de sete anos de idade no final da guerra, por isso lembrava vivamente dos dias anteriores ao conflito. Seu pai, Martins Rodrigues Montes, era lavrador humilde que morava em Ipoeira Cavada, no município de Chorrochó, um distrito de Várzea da Ema, a cerca de 60 km de Canudos. Além da agricultura, a família de seu Martins, de D. Regina e seus seis filhos, dos quais Melchiades era o segundo mais velho, se dedicava também à produção de cachaça e rapadura, produtos típicos da região. Das lembranças da infância com os pais, afloram ainda em seu relato o trabalho na lavoura a partir dos seis anos, a religiosidade da mãe que todas as noites rezava com os filhos, as noites em claro descascando mandioca para fazer farinha, a violência do pai que agredia fisicamente os filhos, inclusive com facão, a fuga de casa, em companhia do irmão mais velho, por conta dos maus-tratos e o retorno após apenas 12 horas longe da família.

A família migrou para Bello Monte somente após a terceira expedição militar. Por isso, suas lembranças do povoado já são dos tempos de guerra. De Bello Monte já sitiado pelas forças do exército, lembrava-se vivamente das orações na hora da Ave Maria em frente à Igreja Nova, para pedir proteção para os jagunços. Melchiades, então com sete anos de idade, cortava lenha no mato e apanhava água no Vaza-Barris, muitas vezes sobre a chuva de balas que partia do exército acampado no alto do Morro da Favela.

Já no final da quarta expedição, uma granada explodiu no interior da casa de barro em que moravam. Melchiades, que dormia, foi acordado pelo barulho da explosão e pelo cheiro de pólvora que invadiu a casa. Na madrugada de 18 de junho a mãe reuniu a família para a fuga, mas como havia aumentado o tiroteio lá fora, eles resolveram esperar o melhor momento para conseguirem sair. Neste meio tempo, Melchiades voltou para dormir em sua rede. Quando acordou a família já havia fugido, sem dar pela falta dele, e soldados do exército invadiam a casa. Eram dois homens, um queria matá-lo, mas o outro pediu que fosse poupado, pois levaria o jaguncinho para ser criado por sua mãe. Os soldados prosseguiram com as invasões às demais casas do arraial, levaram com eles a Melchiades. Durante a marcha ele presenciava *casas em ruínas, soldados e conselheiristas feridos, gritos e gemidos agonizantes*<sup>146</sup>. O soldado que o conduzia

---

<sup>146</sup> MONTES. Op. Cit. p 4



morreu no decorrer do assalto e ele foi levado para uma barraca das tropas onde ficou até ser destinado ao alferes Bonoso.

Nas imagens da guerra registradas por Flávio de Barros podemos veem-se crianças ao lado das tropas. Pelo menos cinco destes registros, *Vaza-Barris ao sul*; *Questura policial em Canudos*; *Refeição na bateria do perigo e Corpo Sanitário em Canudos* mostram que os pequenos buscavam abrigo junto aos soldados, ou circulavam com desenvoltura entre eles. Naquele momento, o lado inimigo, o oponente, aqueles que haviam destruído Canudos e a vida que eles conheciam se convertiam na única alternativa para aquelas crianças.

A primeira das fotografias, intitulada *Rio Vaza-Barris ao sul* (figura5) foi feita após a tomada do leito do rio e para registrar este momento de sucesso que foi decisivo para o fim do conflito, uma vez que, privados do acesso ao único curso de água, os conselheiristas perderam a resistência. No canto direito da foto aparecem duas crianças de mãos dadas com os soldados. Uma das crianças está sem roupa e tem a cabeça completamente raspada, provavelmente resultado da infestação de piolhos, da varíola e outras mazelas que acometeram os moradores de Bello Monte durante o conflito. A outra criança também com a cabeça raspada usava uma camisa de adulto, talvez de algum soldado, muitas vezes maior que seu pequeno corpo.

Em outra imagem, *Questura policial em Canudos* (figura 6), cujo título alude a uma delegacia improvisada para julgamentos de casos de deserção, agressões e toda espécie de problemas disciplinares entre os homens das tropas, também há, mais uma vez, o registro de crianças canudenses junto ao exército. Nesta foto, aparece uma criança negra, provavelmente um menino, também com roupas de adulto, muito maiores que ele.

Na fotografia *30º batalhão de infantaria* (figura 7,) mais uma vez, há uma criança entre as tropas. O 30º batalhão de infantaria provinha de Porto Alegre e chegou a Canudos com a quarta expedição. É a única foto em que a criança ganha centralidade na composição fotográfica. Não é possível afirmar com certeza tratar-se de uma criança do arraial, ou se era apenas uma criança entre aquelas que acompanhavam as tropas. Este menino, diferentemente dos outros fotografados,

não tem as roupas maiores que ele e parece integrado à situação e dá a impressão de posar para as lentes de Flávio de Barros.

A penúltima imagem, *Refeição na bateria do perigo* (figura 8), não é apenas um exemplo eloquente da presença de crianças junto às tropas, mas é sobretudo um exemplo de como o fotógrafo procurou forjar situações e minimizar dificuldades existentes. Segundo relatos de oficiais como Dantas Barreto, os soldados tiveram por vezes que recorrer à caça e à coleta de plantas locais para se alimentar. Fávila Nunes, correspondente da *Gazeta de Notícias*, chegou a afirmar que o principal inimigo das tropas era a fome<sup>147</sup>. Um soldado escreveu em seu diário no decorrer da quarta expedição: "*a fome tortura, o calor queima, a sede abrasa, a poeira sufoca e os olhos esbugalhados fitam o vácuo*"<sup>148</sup>. No entanto, a imagem é de um grupo de soldados que faz uma refeição com tranquilidade e em nada remete a relatos como estes.

A foto foi tirada em 1 de outubro de 1897, portanto quatro dias antes da queda total do arraial. Na fotografia, cinco oficiais uniformizados estão sentados à mesa fazendo uma refeição. Há, sobre a mesa rústica feita com troncos e tábuas precárias, travessas, talheres, pratos, copos e uma garrafa como mandam as regras da boa educação. (...) O gesto do oficial que trincha algo em seu prato parece indicar que na refeição há algo mais sólido que o arroz com farinha, que é a base da comida sertaneja. As botas, os dólman abotoados até o pescoço apesar do calor, as calças limpas e os chapéus ainda impecáveis parecem indicar que o perigo está longe da bateria e não é temido por aqueles cinco homens de barbas cuidadosamente aparadas e olhar seguro. (...) No canto inferior direito da cena aparecem três crianças canudenses, presença talvez imprevista na montagem da cena da refeição dos militares, mas no sertão de Canudos, como em toda parte, a câmara fotográfica parece exercer um fascínio especial sobre as crianças: um menino, de pé, a cabeça raspada provavelmente para escapar à infestação de piolhos, olha diretamente para a câmera, duas meninas de vestidos escuros, acoradas na posição que Monteiro Lobato eternizará como sendo a do Jeca Tatu abúlico e icônico do homem do interior, também olham para a lente; uma mais à frente segura nos braços um objeto que lembra uma boneca; a outra quase escondida atrás de uma das muitas redes amarradas nas traves da construção precária onde os soldados fazem sua refeição. As crianças não participam da refeição, estão na margem da fotografia<sup>149</sup>.

A fotografia intitulada *Corpo sanitário e uma conselheira ferida* (figura 9) foi igualmente tirada com o intuito de transmitir a imagem de um exército tecnicamente preparado e solidário a ponto de prestar socorro indistintamente aos

<sup>147</sup> Cícero Antônio F. de ALMEIDA. *Canudos: imagens da guerra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores: Museu da República, 1997. p. 66.

<sup>148</sup> Disponível em [www.portifolium.com.br](http://www.portifolium.com.br). Acesso em 04.07.2011

<sup>149</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p 48.

doentes e feridos das tropas governistas ou sertanejos. Mas, é possível ler a imagem por seu avesso e considerar que os distintos cavalheiros, muito bem trajados, exibem a menina deitada na maca como quem exhibe um troféu de guerra.

A foto mostra uma tenda onde funcionava um dos hospitais de guerra improvisados. Em torno à menina na maca estão cerca vinte pessoas, entre membros do corpo médico, soldados e autoridades militares que se espremem para aparecer na fotografia.

No canto inferior direito uma mulher agachada, envolta em panos e com uma cicatriz no rosto, quase saindo do enquadramento, parece fora de contexto. Num contraste imagético da guerra entre os dois Brasis que se enfrentavam, de um lado, os que Euclides chamou de nossos rudes patrícios e, de outro, os heróis republicanos<sup>150</sup>.

Mais uma vez, a imagem montada difere dos relatos de contemporâneos do conflito como Frei Sinzig<sup>151</sup> que afirmou em seus escritos ser

(...) Incompreensível que os médicos militares tão pouco se tenham incomodado com os prisioneiros. Sobremaneira revoltante era o serem mulheres freqüentemente insultadas pela soldadesca. Quanta crueldade não desperta o tempo de guerra<sup>152</sup>.

Quem são estas crianças que sorrateiramente surgem pelas lentes de Flávio de Barros enquanto ele se ocupava em registrar o dia a dia da quarta expedição militar e que parecem aparecer por acaso nas fotos? Qual o nome de cada uma delas? Eram efetivamente órfãs? Perguntas que ficaram sem respostas, informações de difícil reconstrução. Melchiades foi uma dessas crianças que encontrou sobrevivência junto a um militar do exército, o Alferes Bonoso.

O alferes acaba ferido gravemente em combate e é transportado para Monte Santo, depois para o Hospital de Queimados e de lá para Salvador. A narrativa de Melchiades vem ao encontro dos relatos de Lélis Piedade, secretário

<sup>150</sup> MONTEIRO. Op. Cit. p 50.

<sup>151</sup> Frei Pedro Sinzig. Nasceu em Linz, na Alemanha, chegou a Salvador aos 17 anos de idade como estudante e frade voluntário. Em agosto de 1897, ainda diácono, é enviado acompanhado tropas federais contra Canudos. Vinte anos após o conflito escreve *Reminiscências de um frade contado seus dias em Canudos*.

<sup>152</sup> Frei Pedro SINZIG. Op. Cit. APUD. INSTITUTO MOREIRA SALLES (org). *Cadernos de Literatura Brasileira. Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: IMS, 2002. p.289.

do Comitê Patriótico da Bahia, que narra muitas vezes este mesmo caminho de socorro aos feridos.

Em Salvador, após o restabelecimento do alferes, as lembranças de Melchiades registram que os dois saíram à cidade para comprar roupas e sapatos para o menino jagunço. Esta passagem é muito significativa, pois ele narra com riqueza de detalhes seu primeiro passeio de menino em Salvador, a curiosidade que sua passagem pelas ruas causava nas pessoas que queriam ver de perto um jaguncinho, como quem olha algo muito diferente, e lembra-se que as pessoas lhe jogavam moedas de prata. O caminho do menino sobrevivente de Canudos pelas ruas de Salvador é também o início de seu longo percurso do que era então identificado como a barbárie para o que era considerado a civilização, e é significativo que o primeiro passo tenha sido o da compra de roupas e sapatos, elementos fundamentais de sua ordenação simbólica que estava prestes a começar. As roupas de algodão cru e sem cor, costuradas pelas mãos rudes de sua mãe não eram apropriadas para sua nova vida e o menino precisava, literal e metaforicamente, de cobrir-se de civilização. Ganhou um terno marrom de casimira, uma medalha do marechal Floriano Peixoto, uma gravata de seda vermelha que apertava seu pescoço num laço, uma botinha com salto, que quase impossibilitou o menino jagunço, criado livre e descalço, de andar, e ainda uma bengala de junco com um a cabeça de um cachorro galgo na ponta. A descrição da roupa lembra em tudo o vestuário dos meninos da boa sociedade do litoral que vestiam-se como homens em miniatura.

(...) No trajeto para a cidade formou-se uma multidão para ver o jaguncinho como era chamado(...) O Alferes(...) comprou para o menino o que havia de melhor, como um terno marrom de casimira e no peito uma medalha do Marechal Floriano Peixoto com duas inscrições; de um lado “o Marechal de Ferro” e do outro: “ A bala”, uma camisa, uma gravata de seda vermelha e bem larga que formava um grande laço, uma botinha de salto alto que dificultava o menino andar sendo isto mesmo quase impossível. Comprou também uma bengala de junco marrom com cabeça de cor creme tipo cachorro galgo<sup>153</sup>.

A importância daquele gesto simbólico é evidente na riqueza dos detalhes ainda presentes na lembrança do Melchiades adulto, que destaca cores, texturas, sensações e não deixam de fora a insólita medalha com a imagem do Marechal de Ferro e a gravata vermelha, que a tradição oral macabra de Canudos associou

---

<sup>153</sup> MONTES. Op. Cit p 6

indelevelmente à prática da degola dos vencidos e que, ainda que de seda, constrangia o pescoço do menino, certamente feliz com sua bengala de junco com um cachorro galgo no castão, mas também seguramente incômodo nas suas novas vestimentas civilizadas.

De Salvador, o alferes embarcou em um navio para o Rio de Janeiro. Chegando à Capital Federal foi se apresentar ao Regimento levando consigo o menino, e todos se reuniram para apreciar o jaguncinho. A novidade era tamanha que foi chamado um fotógrafo para tirar a foto do menino, mas Melchiades ao ver a máquina se assustou e chorou tanto que a fotografia não pôde ser tirada. A novidade tecnológica, o fotógrafo embaixo do pano preto, e a relativa semelhança do artefato fotográfico com as máquinas de guerra assustaram o menino. A fotografia nunca tirada, o não-retrato do menino jagunço aparece com riqueza de detalhes na sua narrativa. As máquinas fotográficas, *esses relógios de ver*<sup>154</sup>, causaram receio e medo, principalmente entre os mais humildes e religiosos. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, como uma máquina criada pelos homens poderia fixar a imagem de Deus?<sup>155</sup> No sertão o temor que cercava a fotografia ainda levaria muito tempo para ser esquecido. Xavier de Oliveira, médico cearense e cronista, conta que em 1915 teve ainda dificuldades de convencer os fiéis do Padre Cícero a se deixarem fotografar. A fotografia era vista como um invento diabólico, um sacrilégio,<sup>156</sup> Ainda que provavelmente Melchiades não tenha feito tantas associações ou elucubrações teológicas, de qualquer forma, seu primeiro contato com o mundo para além do sertão baiano foi de estranhamento de parte à parte.

Da Capital Federal, a viagem prosseguiu para Santa Catarina, e finalmente chegaram a Tubarão, cidade onde se encontrava a esposa de Bonoso. Este foi o único período em que Melchiades frequentou a escola. Era um colégio de freiras e todos os dias a cunhada do Alferes levava o menino para as aulas. Depois de um curto período de tempo a família mudou-se para Jaguarão, onde foram morar no quartel militar.

---

<sup>154</sup> Gisele FREUND. *La Fotografia como documento social*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993. Apud. Claude Santos In: <http://www.portifolium.com.br> . Acesso em 04.06.2009

<sup>155</sup> SANTOS. Op. Cit. p 2.

<sup>156</sup> Cf. Idem. Ibidem.

O alferes havia sido promovido a tenente por ato de bravura durante a guerra de Canudos. Os tempos no quartel foram difíceis, o menino foi constantemente castigado devido às queixas da esposa de Bonoso, e é significativo que em suas memórias Melchiades não a nomeie nenhuma vez. O menino deixou de ir a escola. Não lhe estava reservada a educação escolar, seu destino seria o mesmo de tantas outras crianças de Canudos, o trabalho, e, para isso, a instrução para o exercício de uma profissão. As letras eram destinadas aos filhos da elite, uma vez que vigia uma perversa equação segundo a qual o lugar social de nascimento quase sempre determinava o futuro, inclusive o escolar, naquela sociedade fortemente hierarquizada. No quartel, como os desentendimentos e castigos na família do tenente Bonoso eram constantes, Melchiades acabou por ser dado a outro oficial, o tenente Gustavo Pantaleão da Silva.

Na casa do tenente Pantaleão o jaguncinho que estava com 11 anos de idade foi incorporado como cria da casa para ajudar a empregada. O garoto cuidava de uma menina de um ano e meio de idade e um recém-nascido doente que acabou por falecer. A esposa do tenente Pantaleão foi nomeada nas memórias de Melchiades, Dona Lia. Dona Lia, doente após o falecimento do filho menor, vai morar na fazenda de um irmão, onde o menino ganha outras obrigações como o trabalho na lavoura, a construção de cercas, a fabricação de queijos, a venda dos produtos da fazenda na cidade, o pastoreio e todo tipo de serviço necessário. Durante o inverno a família voltava para a cidade e nessas ocasiões Melchiades procurava estudar um pouco por conta própria, já que na fazenda a sobrecarga de trabalho não lhe dava tempo para isto.

O tenente Pantaleão é então transferido para Santa Vitória do Palmar, e nesse novo destino o tenente matriculou o jaguncinho na única escola da cidade. No primeiro dia de aula, o menino foi mandado de volta para casa com um bilhete do Diretor: *O colégio não aceita meninos de cor*<sup>157</sup>. Este momento acompanhou para sempre o adulto Melchiades. Em suas memórias há uma constante nostalgia da escola e a busca das letras e da instrução que lhe foram negadas por conta da cor da pele.

---

<sup>157</sup> MONTES. Op. Cit. p 10

O professor Calasans em suas análises sobre Canudos qualifica Bello Monte de derradeiro quilombo devido ao grande número de negros entre os habitantes do aldeamento. Acrescenta ainda que *havia até uma rua chamada Rua dos Negros* e que segundo um levantamento feito nos registros oficiais de meninos jagunços que foram distribuídos depois da guerra, cerca de trinta por cento do total eram negros ou pardos<sup>158</sup>. Melchiades era apenas um deles, um mestiço em um país mestiço, mas que almejava o branqueamento europeu.

Em função do estigma do preconceito racial que o impediu de frequentar a escola em Santa Vitória do Palmar, Melchiades foi matriculado em um curso de marcenaria. No entanto, aos 17 anos de idade, pediu ao tenente Pantaleão, a quem ele se refere com seu protetor, para sentar praça no exército. Não deixa de ser no mínimo uma ironia do destino que ele ingresse por vontade própria na instituição que o separou de sua família, mas que também era a instituição de pertencimento daqueles que o socorreram e em contato com a qual ele havia passado até então a maior parte de sua vida. Melchiades ingressou assim, como voluntário, nas fileiras do exército em 13 de fevereiro de 1907. Na inspeção de saúde outra coincidência, outro encontro com o passado: o capitão que inspecionou os novos recrutas, Dr. Antônio de Abreu e Silva, havia servido em Canudos. Nesta parte do relato não fica claro se Melchiades reconheceu o médico ou soube da informação por outra via, mas é interessante notar que ele qualifica o doutor de sobrevivente e constrói assim uma igualdade, uma identidade entre os dois. Após dois meses de instrução militar, o rapaz foi considerado apto e foi matriculado na Escola Regimental. No final do ano foi aprovado nos exames da Escola, e no ano seguinte já era cabo de esquadra. Em 1909 foi designado para servir no Chuí e em março do mesmo ano foi promovido a 3º sargento. O jaguncinho definitivamente havia virado soldado.

Com o tenente Pantaleão, Melchiades ao que parece manteve algum tipo de relação afetiva, pois em alguns momentos de suas memórias ele se refere a ele como pai de criação e há passagens em que narra que o tenente interferiu por ele junto ao exército. Um dos momentos foi o de sua admissão nas forças armadas. O tenente teria dito que o menino franzino teria poucas chances de ser aceito. O

---

<sup>158</sup> Walnice Nogueira GALVÃO(org). *Euclidianos e Conselheristas. Um quarteto de notáveis*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.p65. .

rapaz disse: *o senhor pedindo serei aceito*<sup>159</sup>. O outro momento foi na ocasião em que ele meteu-se em uma briga por causa de uma namorada e abandonou o posto de serviço. Nessa ocasião, o tenente intercedeu por ele e pediu a um colega que relevasse a falta cometida, pois o rapaz iria fazer carreira no exército.

No início da carreira ele teria pedido transferência para ir servir perto do pai de criação. No entanto, não há relatos de momentos de vida privada ou evidências de uma vida familiar em casa do tenente Pantaleão. A narrativa é focada na trajetória profissional e mais ainda, no esforço contínuo de ascensão

A ausência da família e o desejo de estudar foram marcas de identidade que a narrativa autobiográfica do jaguncinho-soldado reforça muitas vezes. No final de 1909 ele foi transferido para a cidade de Jaguarão, na fronteira do Brasil com o Uruguai, para comandar a guarda do Sarandi<sup>160</sup>. Nesta cidade inaugurou uma escola de alfabetização para os filhos dos soldados que lá serviam. Mais uma vez, fica evidente o valor que ele dava à escola e a marca que a impossibilidade de frequentar os bancos escolares na infância deixou no adulto. Esta é uma dívida que ele não iria sanar de todo, mas é possível enxergar em suas memórias várias tentativas de saldar esta diferença consigo mesmo e com os outros ao possibilitar aos seus próximos aquilo que lhe foi negado, ou seja, a escola. No ano seguinte, Melchiades retornou para seu regimento de origem, o 12º Regimento de Cavalaria, para servir como adjunto da Escola Regimental. Nessa função dedicou-se a extinguir o analfabetismo no Regimento. O Sargento Melchiades ficou responsável pela 2ª série e a sua turma obteve 100% de aprovação, fato inédito naquele Regimento até então.

Em 1911 foi promovido ao posto de 2º Sargento. Novamente foi transferido, desta vez para a foz do rio Jaguarão para integrar a Comissão de Limites, trabalho que desempenhou por três anos. Depois disso foi novamente transferido para Santa Maria da Boca do Monte onde assumiu o serviço de expedição da correspondência. Permaneceu pouco tempo na cidade e novamente seguiu viagem, desta vez para a cidade de Rio Grande onde serviu no 9º Batalhão de Artilharia de Posição.

---

<sup>159</sup> MONTES. Op. Cit p 10

<sup>160</sup> Guarda de fronteira na região do rio Sarandi na fronteira entre BRASIL e Uruguai. Sarandi também é o nome de uma batalha em 1825 entre Brasil e Uruguai na guerra da Cisplatina



De lá, mais uma vez transferido, foi para a Capital Federal para o 1º Esquadrão do Trem<sup>161</sup>. Em 1915 o Sargento Melchiades pediu nova transferência, pois queria estudar e em Gericinó não havia este recurso. Conseguiu a transferência e serviu um tempo curto no 2º Regimento de Infantaria sendo logo depois alocado na 5ª Brigada de Infantaria, em Deodoro, como auxiliar de escrita. Nesta época Melchiades matriculou-se em alguns cursos de engenharia e cavalaria. Foi então que começou a escrever para a Paróquia de Monte Santo, a mais próxima de Canudos, em busca de notícias de sua família, porém não chegou a obter nenhuma resposta .

No ano seguinte, 1917, foi transferido para São Paulo, e nesta ocasião já era 1º sargento. Na capital paulista teve a oportunidade de assistir a alguns comícios de Olavo Bilac nas praças e teatros da capital paulista em prol do recrutamento militar. Alguns anos antes um grupo de jovens oficiais que tinha estagiado no exército alemão, havia criado a revista *Defesa Nacional*. Em suas páginas vinculavam claramente o tipo de recrutamento militar ao desprestígio do exército brasileiro. É a chamada doutrina da Nação em Armas que baseada na vitória da Prússia sobre a França em 1870/1871 vinculava a vitória prussiana ao sistema de serviço militar obrigatório. A lei da obrigatoriedade já existia no Brasil desde 1874, mas não funcionou nem no Império, nem na república era letra morta. Na prática, só serviam aqueles que não contavam com a proteção dos poderosos locais e não conseguiam a isenção<sup>162</sup>.

Estes jovens conseguiram o apoio de Olavo Bilac para a campanha da lei do sorteio militar, ou seja, para um serviço militar obrigatório, que resolvesse a questão do preenchimento das vagas e funcionasse também como solução para problemas de organização social através da disciplina da caserna. Bilac era filho de militar, mas também poeta de renome e com boa circulação entre civis. O resultado da propaganda feita pelo poeta e foi bom o número de voluntários chegou a exceder o efetivo necessário.

---

<sup>161</sup>tropa da arma de Cavalaria que tinha a missão de guardar, vigiar, tomar conta dos "Trens".Entende-se como "Trens"o material das Unidades ( batalhões,brigadas etc) como carroças, animais, cozinhas, munição etc.

<sup>162</sup> Cf. Bruno Torquato Silva FERREIRA; Carlos Martins JUNIOR. *O sorteio militar e a questão da profissionalização do exército no início da primeira república*. In: Revista Territórios e Fronteiras. vol 2 n 2, julho-dezembro 2009.

Era o sonho do soldado-cidadão de Bilac que defendia a generalização do serviço militar ao afirmar que o serviço militar obrigatório:

é o triunfo da democracia; o nivelamento das classes, a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório; a higiene obrigatória; a regeneração muscular e psíquica obrigatória<sup>163</sup>.

No final daquele ano, Melchiades recusou uma promoção e seguiu com seu comandante de companhia para Rio Claro para auxiliar na organização da 6ª Companhia de Metralhadoras. Foi em Rio Claro que o jaguncinho-soldado recebeu sua primeira medalha de mérito, por completar, segundo ele, uma década de relevantes serviços prestados ao exército.

Foi também neste período que foram criados os Tiros de Guerra para formação de quadros de reservistas. A princípio não havia instrutores suficientes e, vendo neste fato uma oportunidade, o Sargento Melchiades se candidatou à função de instrutor. Foi então, em 1918, nomeado para o Tiro nº 535 em São Bento Sapucaí, longínquo lugarejo no interior paulista. Para chegar ao destino seguiu de trem até Campos do Jordão e de lá, a cavalo, até São Bento do Sapucaí. Na primeira turma que treinou destacaram-se dois atiradores e um deles era ninguém menos que Plínio Salgado, futuro fundador do Movimento Integralista no Brasil. Plínio Salgado recebeu na época efusivos elogios de seu instrutor pela disciplina e espírito patriótico demonstrado. Melchiades, durante meses, chegou a ter aulas com Plínio Salgado para se preparar para o ingresso no quadro de Oficiais Intendentes do Exército<sup>164</sup>.

O Tiro de Guerra de São Bento passava por dificuldades financeiras na época, faltava inclusive munição para o treinamento. O sargento Melchiades, revelando uma faceta até então desconhecida, organizou várias peças de teatro com voluntários, artistas amadores da cidade, alunos do Tiro de Guerra. Em duas destas peças o sargento chegou a atuar.

Em 1918 a epidemia de Gripe Espanhola se espalhava pelo País. *Estima-se que entre outubro e dezembro de 1918, período oficialmente reconhecido*

<sup>163</sup> Olavo BILAC. Apud Bruno Torquato Silva FERREIRA; Carlos Martins JUNIOR. Op.. Cit.

<sup>164</sup> MONTES. Op. Cit pp 29 e 30

como pandêmico, 65% da população adoeceu. Só no Rio de Janeiro, foram registradas 14.348 mortes. Em São Paulo, outras 2.000 pessoas morreram<sup>165</sup>, entre elas o Presidente da República Rodrigues Alves, morto em 1919. Em São Bento, o surto também atingiu grandes proporções. Muitos habitantes contraíram a doença e o exército ajudava na remoção de enfermos ou mortos e na construção de valas para o sepultamento dos cadáveres. Quando parecia que a epidemia já perdia força, o sargento Melchiades contraiu a doença, mas foi medicado e recuperou-se aos poucos. No final do ano, já recuperado da Gripe Espanhola e ao constatar a impossibilidade de formar uma turma de reservistas na cidade devido à falta de armamento e munição, solicitou sua transferência para um Tiro de Guerra onde houvesse armamento, e foi transferido para o Tiro nº 2 da Capital de São Paulo. A sua despedida da cidade marcou-o profundamente. Ele se refere ao episódio como uma das maiores manifestações de apreço que recebeu na vida. Na véspera de sua partida viu na praça em frente ao Hotel quase toda a população da cidade: diretores do Tiro de Guerra, atiradores, vicentinos<sup>166</sup> que ele havia auxiliado, populares que foram dizer-lhe adeus.

Passou pouco tempo em São Paulo e foi de lá para o Tiro de Guerra 604, na cidade de Socorro, onde chegou em março de 1919. Nessa cidade reencontrou colegas que serviram com ele no 43º Batalhão de Caçadores de São Paulo, entre eles Pascoalino e Antonio Gatti que o levaram para conhecer sua família, seus pais Nicolau Gatti e D. Carmela Nania Gatti e seus 10 filhos. Uma das filhas do casal, Angelina, viria a ser sua esposa. Melchiades tomou coragem de propor casamento, tempos depois durante a quermesse no largo da Matriz na festa da Padroeira da cidade, Nossa Senhora do Socorro. Angelina respondeu na ocasião que era muito nova, mesmo assim o pretendente foi conversar com o pai da moça. Após uma reunião de família, foi chamado e recebeu a autorização para frequentar a casa e fazer a corte à moça.

No final do ano o sargento matriculou-se no curso de Aperfeiçoamento de Instrução de Infantaria que funcionava na Vila Militar no Rio de Janeiro. O curso dava direito a promoção para primeiro sargento aos que eram terceiros ou segundos sargentos. Melchiades já era primeiro sargento na época, mas ainda

---

<sup>165</sup> Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br>>. Acesso em 28.02.2010

<sup>166</sup> Ordem da Igreja Católica cujo trabalho é auxiliar os necessitados e carentes

assim fez o curso, segundo ele tão somente pelo desejo de se aperfeiçoar. Em 1920 concluiu o curso e foi nomeado instrutor do Colégio São Vicente de Paulo, Luso Brasileiro e posteriormente do Tiro de Guerra nº 12, todos na cidade serrana de Petrópolis no Rio de Janeiro. Em setembro tirou uma licença e viajou novamente para a cidade de Socorro onde casou-se com Angelina no dia 30 do mesmo mês.

Em 1921 foi criada pelo governo a Escola de Sargentos de Infantaria, Melchiades pediu matrícula e foi atendido. Em suas memórias, mostra o auto-retrato de uma pessoa que busca sempre aperfeiçoar-se através dos estudos. Ele não teve a oportunidade de frequentar a Escola Militar, mas ao longo de sua narrativa enumera os cursos que fez não só para alcançar novos patamares na carreira, mas também pelo simples prazer de aprender como assinala em mais de uma passagem.

A partir de 1921 estudou na escola de manhã e à noite subia para Petrópolis, para não interromper suas funções de instrução no Tiro de Guerra. Na Escola de Sargentos, tirou as melhores notas da turma e recebeu a denominação de distinto e apto para Comandante de Pelotão nas provas finais. Regressou a Petrópolis ao final do curso e deu continuidade à atividade de instrutor do Tiro de Guerra. Ao final de cada ano, fornecia uma turma de reservistas para o exército e foi assim durante 18 anos consecutivos.

Ainda em 21, Melchiades conheceu o jornalista e diretor dos Correios e Telégrafos da cidade, Walter José Bretz, que propunha uma homenagem ao Almirante Barão de Tefé, nascido em Petrópolis, que havia se notabilizado durante a Guerra do Paraguai, principalmente por sua atuação na batalha naval do Riachuelo. No decorrer de sua vida, o Barão de Tefé havia sido muitas vezes agraciado com títulos como Barão, Grande do Império, Ordens do Cruzeiro e da Rosa, Grã-Cruz da imperial Ordem de São Bento de Avis e da Ordem de Isabel a Católica.. No entanto, nos últimos anos de sua vida, morava em Petrópolis, e segundo Walter José Bretz estava esquecido por todos.

Melchiades juntou-se a Walter Bretz na organização de uma grande homenagem que mobilizou os colégios da cidade, os escoteiros e o Tiro de Guerra para uma festa realizada no dia 11 de junho, aniversário de 56 anos da batalha

Naval do Riachuelo. Melchiades veio ao Rio de Janeiro e nos arquivos da marinha conseguiu o modelo do sinal<sup>167</sup> que foi hasteado no navio capitânia da esquadra no dia 11 de junho de 1865. Angelina, esposa de Melchiades, ficou encarregada de reproduzir a bandeira para a homenagem.

O Almirante Tefé compareceu à homenagem, fardado, coberto de medalhas e em companhia de sua filha, Nair de Tefé. No palanque construído estavam as autoridades locais e Nair de Tefé leu um discurso em nome do pai, muito emocionado para conseguir discursar. A imprensa local comentou a festa por dias. A homenagem ganhou destaque na capa da edição do jornal Correio da Manhã de sábado, dia 11 de Junho de 1921. Na matéria sobre o aniversário da batalha do Riachuelo e as comemorações pelo país, a festa em Petrópolis foi citada, bem como o sargento Melchiades. Dias depois o sargento recebeu um cartão que guardou com apreço, onde se lia: *Ao patriota e camarada Comandante do Tiro de Guerra de Petrópolis – Sr. 1º Sargento Melchiades Montes, cumprimenta e agradece o Almirante Barão de Tefé das Academias de Ciências de Paris e Madrid.*

Neste mesmo ano, foi ainda convidado para ser chefe dos escoteiros da cidade cargo que assumiu prontamente. Foi Sócio Benemérito da Escola de Música Santa Cecília, por ter ajudado a angariar fundos para a construção da nova sede da Escola. Em 1923 nasceu seu filho Eddy, na cidade de Socorro, pois Angelina preferiu ter o filho perto da mãe. Este é um dos únicos trechos de suas memórias que deixam transparecer emoção, e nele Melchiades conta que quando recebeu a notícia do nascimento do filho isolou-se no quartel e chorou. Mais tarde tentou adotar o filho órfão de um sargento seu colega, após a morte da viúva deste, mas os avós da criança não permitiram, e assim Eddy foi o único filho do casal

Em 1927 o sargento recebeu uma medalha militar de prata e um diploma por 20 anos de serviços prestados ao exército. Em 1930 a família de Angelina, formada por seus pais e seus nove irmãos veio morar com o casal. O negócio do sogro passava por dificuldades e Melchiades tratou de empregar todas as cunhadas e cunhados e ajudou o sogro a abrir um negócio na cidade. Ao que

---

<sup>167</sup> Sinal ou distintivo de comando é a bandeira hasteada pelo navio-chefe de um grupo de embarcações de guerra.

parece, ele fez da numerosa família de sua mulher a família que ele não teve a oportunidade de ter.

Em 1931 foi transferido para a reserva, a seu pedido, no posto de 2º tenente, e continuou com todas as funções que exercia em Petrópolis. Foram 30 anos de serviço ao exército brasileiro.

Encerrava-se assim depois de três décadas, a carreira militar do ex-jacuncinho que virou soldado do exército brasileiro. A sua trajetória é exemplar, a narrativa é de constante ascensão profissional, retidão moral, exercício da cidadania consciente e atuante. Melchiades é a materialização do sonho do soldado-cidadão de Bilac, a idéia do exército com elemento capaz de moldar o caráter de um povo, forja de sacerdotes da educação fardados. Como definiu Bilac:

A caserna é um filtro admirável, em que os homens se depuram e apuram; dela saíam conscientes, dignos, brasileiros, esses infelizes sem consciência, sem dignidade, sem pátria, que constituem a massa amorfa e triste na nossa multidão<sup>168</sup>.

Na reserva, o então tenente Melchiades tinha talvez mais funções do que quando esteve na ativa. Em 1932 foi convidado pelo prefeito de Petrópolis para comandar o Corpo de Bombeiros da cidade e a Guarda Municipal e ainda foi nomeado sub-delegado de polícia de Petrópolis.

Em 1933 Melchiades viu da janela o rufar dos tambores e o desfile de um alinhado pelotão de Camisas Verdes que repetiam o lema *o integralista é obrigado a acatar, respeitar e colaborar com as autoridades constituídas*. Dias depois se impressionou com o funcionamento das escolas de alfabetização, costura, música e com o trabalho voluntário dos médicos integralistas. Em uma conversa descobriu que o criador do integralismo era de São Bento e havia frequentado o Tiro de Guerra. Melchiades lembrou-se então do antigo aluno, Plínio Salgado, que havia inclusive sido também seu professor de matemática e geografia nas horas vagas. Após frequentar algumas reuniões do movimento, inscreveu-se junto com seu filho Eddy nas fileiras do integralismo. Dias depois toda a família, com exceção dos sogros que eram italianos, juntou-se ao

---

<sup>168</sup> Olavo BILAC Apud: Bruno Torquato Silva FERREIRA; Carlos Martins JUNIOR. Op. Cit. p11.

movimento, inspirado no fascismo que pretendia ser não só um movimento político, mas uma filosofia de vida, um modo de pensar e agir.

O integralismo desenvolveu intensa propaganda por todo o Brasil, ministrava cursos e fazia-e uma apologia da idéia da redenção através do sofrimento. O verdadeiro Camisa Verde, propunha seu líder, deveria suportar a perseguição, o sofrimento, sacrificar-se pela nação. *Deus, Pátria e família* era o lema do movimento. A ênfase na disciplina, na obediência e na educação pregadas pelo integralismo eram idéias caras ao tenente Melchiades, aspectos que prezava não só em sua vida profissional, mas também em sua vida pessoal. Pouco tempo após sua filiação, se tornaria chefe do Núcleo Central dos integralistas de Petrópolis. Nessa função, fiscalizava os outros núcleos e auxiliava na orientação de outros três núcleos que estavam em fase de organização. Em 1935 *a AIB dispõe de 1.123 grupos organizados em 538 municípios, abrigando 400.000 adeptos. O II Congresso Integralista foi realizado em Petrópolis, em março. (a partir desta data a AIB passou a ser "uma associação civil, com sede na cidade de SP e um partido político, sem sede fixa, a sede seria o lugar onde se encontrasse o seu chefe supremo")*<sup>169</sup>. O tenente não só ajudou na organização do II Congresso, como igualmente participou da organização do III Congresso em Vitória, no Espírito Santo.

Em 1937 a AIB tornou-se partido político e Plínio Salgado foi lançado como candidato a presidência da República. No entanto, com a dissolução dos partidos políticos, em dezembro daquele ano, a AIB transformou-se na Associação Brasileira de Cultura. O movimento contava, então, com mais de um milhão de adeptos espalhados pelos diversos núcleos do país<sup>170</sup>.

Em suas memórias Melchiades narra que no dia 11 de maio de 1937, tarde da noite, o integralista Luciano Encarnação foi até sua casa para avisar que ouvira no rádio que os Integralistas tinham tomado o Palácio Guanabara na Capital Federal. Dias depois Melchiades foi detido, conduzido à Delegacia de Ordem Política e Social em Niterói e de lá foi transferido para a Casa de Detenção e posteriormente para a penitenciária. O tenente ficou preso por oito meses. Na penitenciária organizou aulas de ginástica no pátio, e todos os companheiros integralistas que não estavam doentes compareciam aos exercícios. Quando

<sup>169</sup> Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimtos>>. Acesso em 27.2.2010. .

<sup>170</sup> Idem. Ibidem.

finalmente foi posto em liberdade foi designado pela AIB para viajar por vários municípios do Rio de Janeiro para orientar as sedes do partido na transformação em núcleos de ensino e cultura. No retorno de uma destas viagens foi preso no trem e no seu bolso foi encontrado um retrato de Plínio Salgado, com dedicatória. O delegado de plantão, no entanto, não achou motivos para prender o tenente Melchiades e ele foi liberado. Acabava ali a filiação inusitada de um menino mestiço de Várzea da Ema a um movimento de inspiração fascista, de cunho autoritário.

Somente em fins de 1939 foi com sua mulher e filho para o Rio Grande do Sul para apresentar sua família aos seus pais de criação na cidade de Jaguarão. Em suas memórias esta informação aparece solta, sem nenhum tipo de comentário sobre como tenha sido a acolhida. Também não há explicação para o fato dele só apresentar a família depois de 20 anos de casado e de seu filho já ter 16 anos de idade. Este é o único contato com os que chama de pais de criação narrado desde o afastamento no início de sua carreira militar quando foi transferido pela primeira vez. Também não há menções a cartas, ou outros tipos de contato.

Na volta da viagem, já em 1940, a família de Melchiades mudou-se para o Rio de Janeiro e em 1941 Eddy foi matriculado na Escola Preparatória de Cadetes, em São Paulo. Em 1942, depois de ter cursado a Academia Militar das Agulhas Negras Eddy foi para a Escola Militar de Realengo. Nesta época, para complementar a renda familiar, Melchiades foi trabalhar como corretor de imóveis e depois como tesoureiro da empresa de pesca e conserva de peixes de seu cunhado, em Cabo Frio. Em 1947, foi convidado pelo General Guilhermino Fernando dos Santos Filho para ser secretário da fazenda do exército em Campinas, função que ocupou por sete meses. Depois disso voltou para o Rio de Janeiro e passou a trabalhar como despachante.



### 4.3. O Caminho de Volta

Por ocasião do centenário de nascimento de Euclides da Cunha, Melchiades foi visitar uma exposição organizada pela Biblioteca do Exército. Lá parou diante de uma fotografia do arraial de Canudos. Durante 63 anos Melchiades escreveu sem sucesso para várias autoridades baianas à procura de notícias sobre o paradeiro de sua família. Em 1960 combinou com um cunhado uma viagem de carro, iriam até a Paraíba, pois o cunhado não via a família há mais de 30 anos. Passariam pelo sertão da Bahia e seguiriam até a Paraíba. Angelina acompanhou o marido na jornada. Quando chegaram ao distrito de Formosa, começaram a pesquisa sobre sua família perdida. Em uma pequena pensão, entraram para perguntar se alguém conhecia a família Rodrigues Montes. No local estava, de passagem, o oficial do Registro Civil daquela comarca que não só conhecia a família como era amigo dos Rodrigues Montes. E ainda informou que parentes da família moravam a mais ou menos uma légua de distância da pensão.

Melchiades seguiu então para a casa de Dona Maria, e ao chegar lá iniciou o diálogo que fez questão de reproduzir, ou recriar, em suas memórias:

*A Sra. Conhece a família Rodrigues Montes?*

*Conheço e pertenco à família.*

*A Sra. Sabe quantos irmãos tinha o seu pai?*

*Papai dizia que eram ao todo cinco: Martinho, Maria, Sancha, Josefe e meu pai Manoel.*

*Seu pai tinha certeza que eram somente cinco irmãos?*

*A minha avó Regina dizia que havia outro, mas que tinha sido morto quando as tropas invadiram Canudos.*

*A Sra. Lembra qual era o nome desse outro?*

*Chamava-se Melchiades<sup>171</sup>.*

Neste ponto, descreve que uma emoção profunda tomou conta dele e que depois de um silêncio longo e de um choro inevitável, ele colocou a mão sobre os ombros de Maria e disse :– “*pois eu sou seu tio Melchiades que você disse haver morrido em Canudos, não morreu, é este que está falando com você neste momento*<sup>172</sup>. E abraçou a sobrinha. Depois das apresentações de ambas as partes,

<sup>171</sup> MONTES. Op. Cit pp 62-63.

<sup>172</sup> Idem. Ibidem p 64.

muita conversa e um lanche com requeijão e queijo de cabra, foram todos para Várzea da Ema, distante uns quinze quilômetros de onde estavam, para a casa do irmão mais velho, Martinho, mais conhecido como Papinha.

Chegados à casa de Papinha, foram recebidos com desconfiança, pois seu último irmão Manoel, morrera há poucos meses e ele não tinha mais nenhum irmão. Após muitas lembranças de infância, descrição dos dias antes e durante a guerra, finalmente Martinho convenceu-se que estava diante do irmão que por mais de meio século julgava morto. A notícia da improvável volta de Melchiades rapidamente se espalhou pelo sertão e logo a casa estava repleta de parentes vindos de toda a parte, uns vindos a pé, outros a cavalo. Todos queriam ver os visitantes do Rio de Janeiro. Após longa conversa para por em dia mais de 60 anos de separação, arrumaram acomodações nas casas dos vizinhos para que todos pudessem dormir.

Na manhã seguinte, Melchiades e seus companheiros de jornada seguiram viagem para Paraíba, e Papinha ficou muito triste, mas Melchiades explicou que havia se comprometido com o cunhado, mas que voltaria no próximo ano para uma nova visita. Assim, em abril de 1961, voltou à Várzea da Ema para ver a família. Desta vez trazia seringas para injeção, cartilhas, lápis, catecismos e a bandeira brasileira, ou seja, aquilo que, para ele, tornara-se a materialização dos símbolos do progresso e da pátria. O tempo que passou no sertão foi dedicado à alfabetização de adultos e crianças, aulas de catecismo, fez curativos, aplicou injeções de penicilina e ajudou aqueles que podia. E escreve ter lamentado a sorte de alguns que não pôde ajudar, pois precisavam de um atendimento especializado. Melchiades auxiliou a professora local, Dona Sabina, que ensinava às crianças em uma sala de aula improvisada onde cada aluno trazia seu banquinho de casa. Dona Sabina era dedicada, mas não ia além da leitura e das quatro operações básicas. Melchiades deu dois meses de aulas para a professora. O menino que nunca frequentou os bancos escolares, devido a sua cor e origem, de volta ao sertão ministrou aulas para a professora local. Este deve ter sido o momento de redenção para aquela criança que voltou para casa do Tenente Pantaleão com um bilhete que vetava seu acesso por *ser de cor*.

No dia 7 de Setembro Melchiades organizou uma festa com hasteamento da bandeira, desfile dos 40 alunos da escola local, canto do hino nacional e

discurso no qual explicou a importância da data celebrada. Parece incrível pensar que, 60 anos depois ele, estivesse ali no sertão, agora como representante de valores do exército, e falasse para os seus em nome da pátria, como representante dos valores da pátria que assumira como soldado, justamente ali, onde décadas antes outros representantes da pátria o haviam separado de sua família.

Em 1963, chamado novamente pelo irmão Melchiades voltou ao sertão da Várzea da Ema para tentar legalizar as terras de Papinha, mas apesar de muitos esforços não o conseguiu. Seu irmão não tinha escritura, e o vendedor das terras já havia falecido. Desta vez, organizou uma solenidade pela semana santa, com procissão e cânticos religiosos, e outra pelo primeiro de maio. Foi a última vez que voltou ao sertão.

No caso do tenente Melchiades, o desenraizamento havia se dado efetivamente, apesar da procura pelos seus, para o bem ou para o mal, já não era um deles. Ele agora representava o progresso na festa cívica, na alfabetização, na penicilina, nos valores que procurava passar aos sertanejos. O destino dá muitas voltas e algumas tão inimagináveis quanto esta que se concretizou ali no sertão da Várzea da Ema, última estrada a ser fechada pelo exército na última expedição militar e caminho por onde sua família fugiu na madrugada de 18 de junho de 1897 e o deixou para trás.

Melchiades morreu em Petrópolis aos 93 anos de idade como cidadão petropolitano<sup>173</sup>, militar da reserva, soldado disciplinado que transcreveu em suas memórias com orgulho o bilhete em que o Barão de Tefé o reconhecia como *patriota e camarada*, o professor e aluno de Plínio Salgado que se transformou em ardoroso integralista. O menino abandonado pela família enquanto dormia na rede, no calor dos combates da guerra de Canudos, e que voltou um dia para o sertão onde reencontrou parte de sua família de sangue. Mas que quando voltou Várzea da Ema não fazia mais sentido, não encontrava eco na identidade de Melchiades forjada entre as fileiras do exército onde sobreviveu e viveu.

---

<sup>173</sup> Recebeu o título em fevereiro de 1966.

Figura 5: Rio Vaza-Barris ao Sul

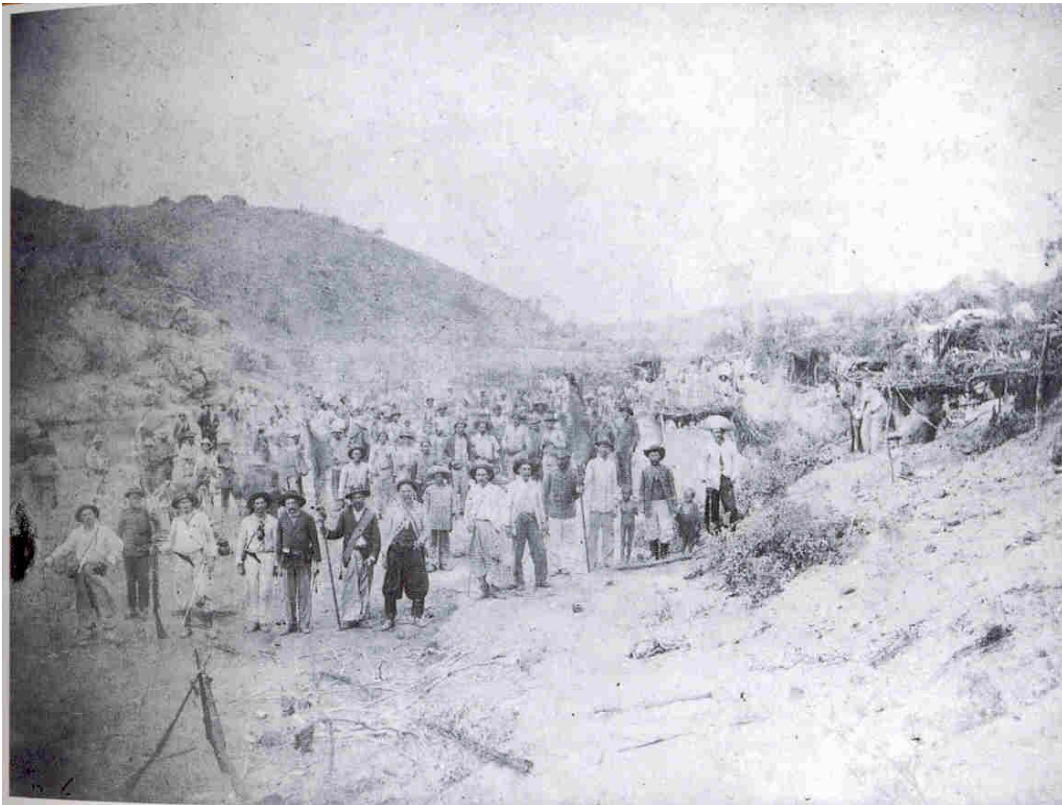


Foto: Flavio de Barros (1897)

Figura 6: Questura Policial em Canudos



Foto: Flavio de Barros (1897)

Figura 7: 30º Batalhão de Infantaria



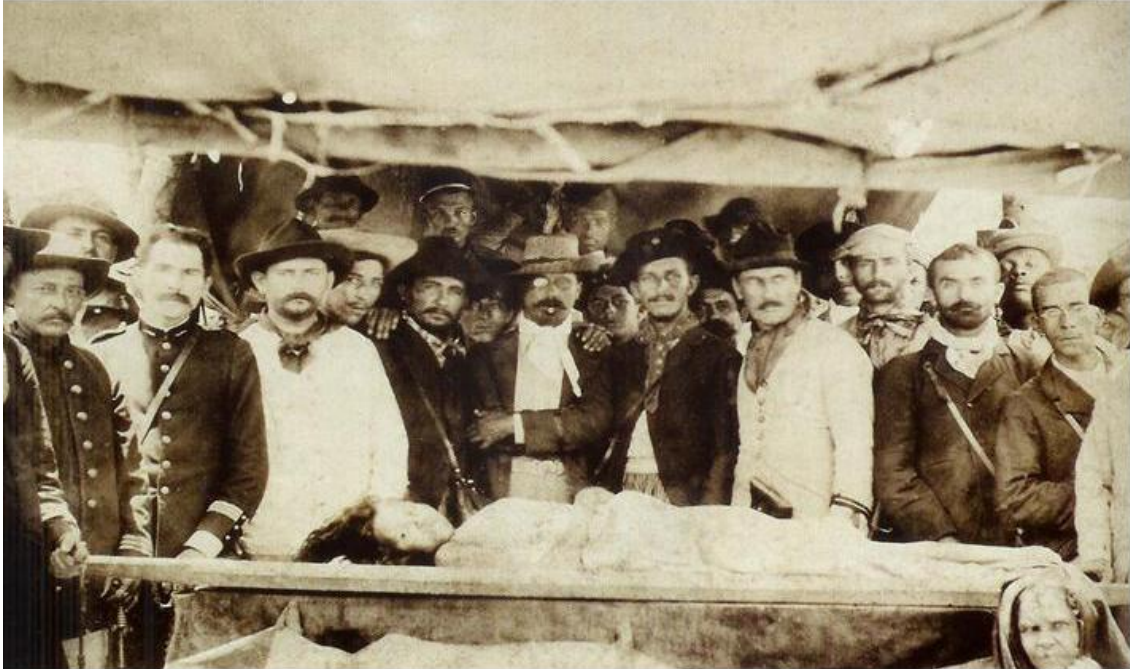
Foto: Flavio de Barros (1897)

Figura 8: Refeição na Bateria do Perigo



Foto: Flavio de Barros (1897)

Figura 9: Corpo sanitário e uma jagunça ferida



Corpo Sanitário e uma Jagunça Ferida

Foto: Flavio de Barros (1897)